

**“MIMIMI OU RACISMO?”: OS DIFERENTES DISCURSOS
ACERCA DO CASO FABIANE JARDIM**

Raquel Oliveira de Araújo (UERN)

raquel.araujo@alu.uern.br

Francisca Ramos-Lopes (UERN)

franciscaramos@uern.br

RESUMO

O racismo estrutural, entendido como o conjunto de práticas sociais que culminam em sociedades estruturadas com base no privilégio de grupos étnicos em detrimento de outros é uma realidade no Brasil, sobretudo no que diz respeito à discriminação à comunidade negra. A partir das nuances do racismo estrutural, nessa produção, analisaremos os diferentes discursos proferidos por seguidores da página do portal G1 no *instagram*, os quais interagiram, por meio de comentários, com a notícia “Engenheira negra denuncia racismo após foto com tranças ser recusada para RG” (2021). A pesquisa insere-se no âmbito das ciências humanas e sociais, com postulados advindos da análise do discurso de linha francesa e dos estudos culturais. O entrelace entre essas abordagens nos direciona a um percurso reflexivo e questionador, direcionando-nos a uma metodologia qualitativa/interpretativista (MOITA-LOPES, 1994). Os discursos, em fase exploratória de análise sinalizam, parcialmente, indagações e naturalizações relacionadas à prática racista ocorrida com a vítima. A denúncia realizada pela engenheira é uma das formas de combate e enfrentamento ao racismo que circula em todas as esferas sociais.

Palavras-chave:

Práticas discriminatórias. Práticas sociais. Racismo.

ABSTRACT

Structural racism, understood as the set of social practices that culminate in societies structured based on the privilege of ethnic groups over others, is a reality in Brazil, especially with regard to discrimination against the black community. Based on the nuances of structural racism, in this production, we will analyze the different speeches given by followers of the G1 portal page on *instagram*, who interacted, through comments, with the news “Black engineer denounces racism after photo with braids is refused for RG” (2021). Research is part of the human and social sciences, with postulates arising from the analysis of French-line discourse and cultural studies. The intertwining between these approaches directs us to a reflective and questioning path, directing us to a qualitative / interpretive methodology (MOITA-LOPES, 1994). The speeches, in an exploratory analysis phase, partially signal questions and naturalizations related to the racist practice that occurred with the victim. A complaint made by the engineer is one of the ways of combating and confronting racism that circulates in all social spheres.

Keywords:

Racism. Discriminatory practices. Social practices.

1. Considerações iniciais

O racismo estrutural está presente nas mais diversas situações do cotidiano, e todos estamos incluídos nesse contexto. O Brasil carrega consigo mais de três décadas de escravidão, e as feridas causadas durante todo esse período seguem ainda expostas, estando, muito possivelmente, distantes da cura.

Nessa perspectiva, o presente trabalho surge com a proposta de analisar as enunciações referentes a uma situação específica de racismo estrutural, que alcançou repercussão nacional. Assim, serão analisados os diferentes discursos proferidos pelos seguidores da página do Portal G1 no *instagram*, os quais interagiram com a notícia “Engenheira negra denuncia racismo após foto com tranças ser recusada para o RG”. Os comentários constituem, portanto, o *corpus* da pesquisa. A notícia foi veiculada em 08/08/2021 e o caso ocorreu em Belo Horizonte (MG).

Nesse viés, para a construção das análises, as bases teóricas estarão pautadas na Análise do Discurso de linha francesa, com ênfase nos estudos de Pêcheux (1983), Orlandi (1999) e dos estudos culturais, a partir de Hall (2003) e Bauman (2005). Além disso, para conceituar diversidade étnico-racial, utilizar-se-ão os estudos de Guimarães (2006).

No que diz respeito à metodologia, ressalta-se que a abordagem é qualitativa-interpretativa (MOITA LOPES, 2006), uma vez que serão estudados os aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do racismo estrutural, que reverberam nos discursos de alguns dos seguidores do Portal G1. Logo, a justificativa da escolha da notícia advém da percepção da existência de racismo na situação vivenciada por Fabiane e nas impressões das pessoas que comentaram sobre a notícia.

Quanto aos resultados, evidenciam-se, através da análise dos discursos dos enunciadores, além das identificações com o caso, o racismo presente na situação da engenheira. Desse modo, considera-se pertinente a denúncia feita pela mesma, uma vez que ela contribui para a reflexão e o combate ao racismo em nosso país.

2. Visão geral e reflexões introdutórias em análise do discurso

Antes de definir o discurso, enquanto objeto de estudo da Análise do Discurso, é necessário compreendê-lo como unidade que necessita de elementos para constituir uma existência material, envolvendo, assim, o

contexto social e questões de natureza não estritamente linguísticas.

Nesse sentido, não é possível desconsiderar os aspectos sociais e ideológicos existentes nas palavras, sempre que são proferidas. Assim, é importante e indispensável entender que a linguagem revela, de forma material, os lugares socioideológicos que cada sujeito ocupa. Desse modo, por mais que o discurso não seja a linguagem em si, ele necessita dela para ter existência real. Nesse viés, Orlandi afirma:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 1999, p.15)

Dessa maneira, sujeitos que proferem diferentes discursos acerca de uma temática, demonstram formações ideológicas diferentes. Essa troca de ideologias resulta na noção de sentido, uma vez que o processo de produção de sentidos é consequência dos efeitos de sentido produzidos a cada manifestação da linguagem. Levando em conta, portanto, o discurso como palavras em movimento e carregadas de ideologia, Pêcheux teoriza:

As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem. O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997b, p. 190)

À vista disso, compreende-se que é no social que as posições de sujeito são definidas, ou seja, os discursos não são fixos, pois acompanham as várias transformações sociais ocorridas ao longo do tempo e tais mudanças influenciam diretamente na constituição dos sujeitos enunciantes.

2.1. O discurso, o sujeito e a identidade

Considerando a natureza heterogênea dos objetos de estudo da Análise do Discurso, é necessário observar os conceitos de discurso, sujeito e identidade, através de ocorrências linguístico-discursivas, tendo em vista que os enunciados apontam para posições-sujeito. Orlandi então afirma:

O lugar histórico-social em que os sujeitos enunciantes de determinado discurso se encontram envolve o contexto e a situação e intervém a título

de condições de produção do discurso. Não se trata da realidade física e sim de um objeto imaginário socioideológico. Trata-se de alguma coisa mais forte - que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder. (ORLANDI, 1999, p. 32)

Desse modo, deve-se entender que o sujeito é marcado por heterogeneidade e intensos conflitos, manifestando-se por meio da linguagem. Assim, tudo que é dito é produzido e norteado por implícitos e por formações ideológicas diversas. Às diferentes vozes que constituem os discursos, dá-se a nomenclatura polifonia, além disso, a heterogeneidade refere-se às formas como essas vozes aparecem dentro dos discursos.

A respeito da heterogeneidade, Authier-Revuz (1982) a subdivide em constitutiva e mostrada, a primeira resulta do entrelaçamento de diferentes discursos presentes no meio social, ou seja, a heterogeneidade constitutiva é uma condição para a existência dos discursos e do sujeito. Já identificável linguisticamente, pois explicita a voz do outro presente nos discursos dos sujeitos.

Ainda temos os conceitos de identidade trazidos por Hall (2003) e Bauman (2005), os quais contribuem para os estudos da Análise do Discurso, uma vez que eles a entendem como fragmentada e plural, assim afirmando que um sujeito é formado por inúmeros fragmentos de outros, confirmando assim a sua multiplicidade.

3. *Diversidade étnico-racial: conceitos e nuances*

Em um país diverso como o Brasil, marcado pelo racismo, é de extrema importância entender de que maneira se apresenta o conceito de diversidade étnico-racial e como ele foi constituído historicamente. Nesse sentido, convém expor que o termo raça tem sua origem datada do século XVII (MARTINS, 1985). Com o passar do tempo, mais especificamente a partir do século XIX, passou a ser utilizado no sentido de justificar as diferenças fenotípicas entre seres humanos e marcar relações de dominação político-cultural de um grupo sobre outro.

Dessa forma, verifica-se que o conceito de raça é concebido dentro da esfera social, ou seja, considerando a diversidade de etnias existentes a partir da colonização brasileira e os diferentes fenótipos pertencentes a seus descendentes, além das diversas relações de poder exis-

tentes entre grupos menos e mais favorecidos. No tocante à espécie humana, não existem 'raças' biológicas, ou seja, não há um mundo físico e material nada que possa ser corretamente classificado como 'raça'. (GUIMARÃES, 2006).

Nesse sentido, não há como negar a influência do processo de escravidão dos povos negros trazidos ao Brasil e de dizimação dos povos indígenas, que aqui já estavam presentes, sendo nossos povos originários. As relações de opressão e segregação envolvendo esses povos repercutem e se perpetuam em todas as esferas sociais, fazendo com que estejamos ainda muito distantes do real conceito de igualdade racial.

Assim, no campo educacional, há que se entender como esse conceito de raça, enquanto existente no campo social, foi aceito e inserido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que definem a raça como “a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado.” (BRASIL, 2004).

À vista disso, é imprescindível entender que não houve nenhum traço harmônico na forma brusca como nosso país foi construído socialmente, no que diz respeito ao desprestígio dado a populações negras e indígenas. Assim, as nuances da desigualdade racial seguem influenciando, de forma implícita e explícita, os locais ocupados pelos diferentes grupos étnico-raciais.

4. Afinal, o que é “mimimi”?

O termo “mimimi” vem se popularizando, sobretudo através das redes sociais. Assim, com a crescente atuação e repercussão das lutas sociais em defesa dos direitos das minorias, quais sejam mulheres, negros, comunidade LBTQIA+, entre outros, o termo surge fazendo referência à forma como expressões e atitudes discriminatórias são criticadas por esses grupos.

Nesse sentido, o termo é utilizado para descrever ou ofender uma pessoa que chora ou reclama e, geralmente, possui intencionalidade ofensiva e irônica, sendo usado para tentar diminuir a manifestação de alguém, tornando-a “frescura” e reclamação sem sentido. Logo, os grupos contrários às lutas das minorias utilizam a expressão para afirmar que as

reclamações e denúncias proferidas não tem sentido ou relevância.

Por esse lado, alguns dos seguidores do Portal G1 referiram-se à denúncia de racismo feita por Fabiane Jardim como “mimimi”, pois acreditam que a exigência feita para que ela não utilizasse a foto com tranças em seu RG faz parte do procedimento padrão, adotado nos órgãos emissores de documentos pessoais. Tal argumento, porém, não se sustenta, uma vez que, através da foto, é possível reconhecer a engenheira, portanto deveria ser normalmente aceita.

Dessa forma, acredita-se que através da invalidação e naturalização da situação vivida por Fabiane, há o intuito de perpetuar situações que ferem a dignidade e os direitos de determinados grupos, os quais são vítimas, corriqueiramente, de práticas hostis. Através da reprodução da cultura do “mimimi”, muitas lutas são apagadas e enfraquecidas, fazendo com que as vítimas tenham a diminuição de seus locais de fala.

5. “Mimimi” ou racismo no caso Fabiane Jardim? Diferentes discursos

Atualmente, com o advento das redes sociais, a liberdade de expressão tem sido amplamente defendida, porém, em concomitância, surge a discussão sobre até que ponto tal liberdade respeita os direitos humanos. Assim, o *instagram* surge como uma rede social que possibilita a seus usuários a ferramenta de comentários acerca de uma foto/postagem.

Não há um filtro antes que um comentário seja postado, a menos que haja uma denúncia e, caso haja alguma comprovação que fira as regras da comunidade, tal comentário será excluído, bem como o perfil do usuário poderá sofrer penalidades. Porém, até que a inadequação seja comprovada e interpretada, os comentários podem atingir alcances inimagináveis.

Nesse viés, ideias são reproduzidas a todo o momento e, nos perfis de notícias, a quantidade de pessoas que expressa suas opiniões acerca do que está sendo veiculado é relevante. Conseqüentemente, a notícia sobre o caso envolvendo Fabiane Jardim, quanto ao impedimento da utilização de sua foto usando tranças para o RG e, consecutivamente, sua denúncia de racismo, dividiu opiniões. Nesta sessão serão analisados, portanto, os diferentes discursos, emitidos pelos seguidores da página, acerca do acontecimento. A seguir, a notícia e a postagem feitas no site e no *instagram* do Portal G1.

Imagem 1: A notícia.



Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/mg/minas-gerais/noticia/2021/08/18/engenheira-negra-denuncia-racismo-apos-foto-com-trancas-ser-recusada-para-rg-inadmissivel.ghtml>.

Imagem 2: O post.



Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSvK72bLNZ2/?utm_medium=copy_link.

É importante ressaltar o grande alcance que a publicação atingiu no *instagram*, visto que totalizou em média 68 mil curtidas. Considera-se, então, uma notícia que causou diferentes impressões entre os seguidores do perfil, dividindo comentários entre pessoas que realmente consideraram o caso como racismo e os que acreditam que a denúncia feita por Fabiane, bem como as proporções que o caso tomou, não passam de “mimimi”. A seguir, alguns comentários a favor da denúncia da engenheira.

5.1. Os comentários a seguir (1, 2, 3 e 4) são de seguidores que consideram o caso como racismo

Figura 1.

Já me mandaram prender o cabelo porque o meu era 'cheio demais'. Duas vezes. Na segunda foi pro passaporte e não só mandaram prender como a responsável meteu a mão no meu cabelo pra 'ajectar', sai de lá indignada!

11 sem Responder

Figura 2.

Absurdo... Absurdo... Absurdo... Absurdo... tenho a pele clara e cabelos crespos... E posso afirmar. O racismo existe, está na estrutura da nossa sociedade! Minha foto da Carteira da OAB eu estou de cabelos presos, hoje uso cabelos super curtos, já fiz tranças e durante 18 anos alisava os meus cabelos porque só tinha "coragem" de deixá-los soltos se estivessem escovados. E, o racismo não é problema só de quem é preto, é de todos nós da raça humana. E, especialmente, de cada um, com qualquer tom, que seja afrodescendente!

11 sem Responder

Figura 3.

Infelizmente ..hoje em dia algumas empresas tem essa postura, não conta com as experiências e as qualificações do profissional. E logo no nosso país que tem várias etnias!!! Aparência é a nossa herança genética de quem devemos nos orgulhar!!!!

11 sem Responder

Figura 4.

E...ainda dizem que isso não acontece em pleno século XXI e é mimimi!!!

10 sem Responder

A partir dos comentários acima, é possível perceber o quanto o racismo brasileiro é concreto nas situações históricas impostas aos africanos e aos seus descendentes, fazendo parte de uma constante imposição de dominação econômica, cultural, social e política. Ambos os comentários têm em comum enunciadores que assumem posições-sujeito que demonstram ojeriza a manifestações de discriminação e racismo, bem como nos comentários 1 e 2 se colocam também como vítimas, evidenciando, assim, que a situação vivenciada por Fabiane, infelizmente, não é um caso isolado.

Em continuidade, os comentários também demonstram muitos traços do racismo institucional, que se caracterizam pelas práticas, as leis e os costumes estabelecidos socialmente, os quais refletem e provocam as desigualdades raciais entre determinados grupos da sociedade. Geralmente, se manifestam por meio da economia, o sistema jurídico e a educação. Logo, enxerga-se a heterogeneidade nos discursos 3 e 4, uma vez que sugerem que existem muitas outras pessoas vivenciando o racismo e utilizam de seus locais de fala, para expressarem sentimentos de outros

indivíduos, ou seja, de outras vozes que constituem seus discursos.

No comentário 4, é possível perceber que o discurso está pautado na crítica a quem considera a denúncia de Fabiane como “mimimi”, retomando a característica da negação de que haja racismo no Brasil nos dias atuais. Essa característica está presente nos comentários elencados a seguir.

5.2. Os próximos comentários (5, 6, 7 e 8) são de seguidores que consideram o caso como “mimimi”

Figura 5.



Figura 6.

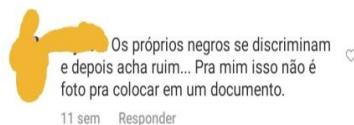
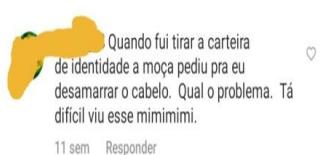


Figura 7.



Figura 8.



De acordo com os comentários que consideram a denúncia e repercussão do caso Fabiane como “mimimi”, é possível perceber a formação discursiva dos enunciadores, a qual é pautada na negação da existência do racismo. Nesse sentido, os discursos dos comentários 5 e 7 explicitam a opinião de que atualmente tudo é racismo, invalidando, assim, a importância e a veracidade da denúncia feita pela engenheira.

Por conseguinte, o comentário 6 explicita um discurso que insinua que a própria Fabiane esteja se discriminando, mais uma vez retirando a culpa da sociedade organizada em um sistema racista, além de se utilizar do seu próprio enunciado racista, ao afirmar que, em sua opinião, a foto de Fabiane não é “foto pra colocar em um documento”.

Em seguida, o comentário 8 traz, explicitamente, o discurso de que o incômodo e a posterior denúncia feita pela engenheira é apenas “mimimi”. A enunciadora faz uma comparação com uma situação que não compete ao racismo, portanto não é passível de semelhanças. Os quatro comentários culminam na defesa de que não houve nada que fugisse dos procedimentos padrões para a retirada de RG.

Após as leituras dos oito comentários a favor e contra a denúncia de Fabiane, chega-se à conclusão de que o número de pessoas que não consegue enxergar as nuances do racismo estrutural em nossa sociedade ainda é alarmante. É possível notar diferentes formações discursivas, a primeira delas baseada em diversas vivências de racismo, que resultam em uma sensibilização ao caso Fabiane, e a segunda, que nega a existência da prática discriminatória, apesar de todas as evidências, negação esta, justificada pela recorrente naturalização dos casos de racismo na sociedade brasileira.

6. O racismo estrutural e a impossibilidade do racismo reverso

Através do acesso aos comentários acerca do caso Fabiane Jardim, no perfil no Portal G1 do *instagram*, é possível abrir espaço para reflexões sobre o racismo estrutural e a impossibilidade do racismo reverso.

Sobre o racismo no Brasil, compreendemos que é um mal nefasto, posto que não se restringe apenas a um problema de classe social clássico, da relação entre possuidores de capitais e despossuídos. Ele se executa de forma e aparência silenciosa, sem as sistemáticas explicitadas de outros países, a exemplo dos EUA, com rígidos padrões raciais (Cf. CUNHA JR., 2009).

A negação de que exista racismo na situação de Fabiane revela a não conscientização para as práticas discriminatórias que acontecem de maneira menos direta. A respeito dessa negação, Van Dijk (2008) compreende que quando negamos o racismo, estamos sendo favoráveis à manutenção de uma supremacia que beneficia uns em detrimento de outros. Estamos sendo cúmplices da opressão, além de contribuímos para o enfraquecimento da luta antirracista.

A partir desse conhecimento, sugere-se que o fato de defender que não existe racismo em situações onde o mesmo ocorre, leva ao fortalecimento da supremacia branca. Quando Van Dijk (2008) afirma que esse

ato “enfraquece a resistência”, ele conclui que os opressores terão cada vez mais espaços para executarem suas discriminações, visto que atitudes como a de Fabiane seguem sendo enxergadas, por muitos, como bobagem e/ou exagero.

Nesse contexto, é importante ressaltar que há também quem defenda a existência de racismo reverso, ou seja, a existência de formas de discriminação de negros para brancos. A respeito disso, Schucmam afirma:

Racismo é uma forma de legitimar as estruturas sociais de poder. Se um grupo não tem poder na estrutura o sujeito deste grupo não consegue praticar racismo. Portanto, no Brasil de hoje, onde os negros são os que ocupam os piores índices sociais não há racismo reverso. (SCHUCMAN, 2021, p. 2)

Assim, não há como imaginar e supor que o racismo reverso exista, posto que os negros da sociedade brasileira não se encontram em situações de prestígio e, por esse motivo, não conseguem praticar racismo. O racismo segue acontecendo numa linha de brancos para negros, por toda a hegemonia que o primeiro grupo exerce sobre o segundo há muitos anos.

7. Considerações finais

Elza Soares cantou que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, e essa reflexão tem relação direta com o caso Fabiane e com tantas outras agruras que a população negra precisa enfrentar diariamente. O intuito de Fabiane era somente ter um direito assegurado, enquanto cidadã, mas o que recebeu foi apenas mais uma demonstração de discriminação.

Assim, a discriminação sofrida por Fabiane não esteve presente somente na UAI de Belo Horizonte. Quando o caso teve repercussão nacional, ela seguiu sendo discriminada por pessoas que diminuíram sua dor e a causa pela qual ela estava lutando: a igualdade.

Ainda reproduzindo Elza Soares: “E esse país vai deixando todo mundo preto/E o cabelo esticado/Mas mesmo assim ainda guarda o direito/De algum antepassado da cor/Brigar sutilmente por respeito/Brigar bravamente por respeito/Brigar por justiça e por respeito (Pode acreditar)”. Fabiane lutou, resistiu e teve sua foto, com suas tranças e todas as marcas de sua ancestralidade, aceita para seu documento oficial.

Dessa maneira, há que se repensar de que forma as opiniões têm sido expressas nas redes sociais, diante de notícias que retratam o cotidiano do país. Tudo se torna passível de análise, em um contexto onde ofensas são comuns e as práticas discriminatórias são normalizadas nos mais diversos âmbitos que afetam as minorias.

Em conclusão, o presente trabalho, através de recortes, expôs diferentes discursos e opiniões, que reverberam e representam toda a conjuntura social brasileira e levantam reflexões acerca do quanto temos sido permisivos diante de casos menos diretos de racismo. A intenção é, portanto, um despertar para o combate às práticas racistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'outre dans le discours. In: *DRLAV*. Paris: Centre de Recherches de l'Université de Paris III, 1982.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade* entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRASIL/CNE. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. *Conselho Nacional de Educação*. Brasília-DF. Outubro, 2004.

CUNHA JR. Henrique. *Os negros não se deixaram escravizar: temas para as aulas de história dos afrodescendentes*. Ano VI. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>. Acesso em 10.10.2021.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio a Universidade de São Paulo. Ed. 34, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

MARTINS, Luciano. *Estado capitalista e burocracia no Brasil pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PECHEUX, Michel. *A Análise do Discurso: Três Épocas* (1983). In:

GADET, Françoise; HAK, Tony. *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux* Campinas: EDUNICAMP, 1990b. p. 311-19

_____. *Semântica e discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: EDUNICAMP, 1997b.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *É racismo quando um negro discrimina um branco apenas por ter nascido branco?* disponível em: <https://catarinas.info/e-racismo-quando-um-negro-discrimina-um-branco-apenas-por-ter-nascido-branco/> acesso em 16.11.2021.

VAN DIJK, T. A. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008.